

DOI: 10.46943/XI.CONEDU.2025.GT17.033

# GESTÃO ESCOLAR PARTICIPATIVA E APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA: A EXPERIÊNCIA DA FEIRA DE CONHECIMENTOS

Regenilson Veras Santos<sup>1</sup>  
Betânia Silva Cordeiro<sup>2</sup>

## RESUMO

Quando a gestão escolar decide investir no campo pedagógico e reconhecer os estudantes como sujeitos capazes de transformar a si e aos outros, a escola rompe com modelos tradicionais e constrói experiências significativas de aprendizagem. O presente artigo evidencia o *modus operandi* de uma gestão democrática que, em 2024, realizou a XV Feira de Conhecimentos, articulando escuta ativa, inovação tecnológica e práticas interdisciplinares. A experiência envolveu estudantes do ensino fundamental e médio em projetos integradores, elaborados a partir de subtemas escolhidos ou criados a partir de uma temática geradora em diálogo com os professores orientadores. Ao longo de todo o ano, foram desenvolvidas atividades de pesquisa, análise e reflexão, que culminaram em exposições e apresentações culturais, com mediação docente e articulação da gestão escolar. Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, de caráter exploratório, que utilizou como procedimentos a análise de documentos e de conteúdo, tendo como

- 1 Doutorando do Curso de Ciências da Linguagem da Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP/PE, [regenilson.vasantos@adm.educacao.pe.gov.br](mailto:regenilson.vasantos@adm.educacao.pe.gov.br); professor e gestor adjunto de escola da rede estadual de PE.
- 2 Mestra em Ciências da Linguagem da Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP/PE, [betania.scordeiro@adm.educacao.pe.gov.br](mailto:betania.scordeiro@adm.educacao.pe.gov.br); gestora de escola pública do estado de PE.

fontes principais o regulamento da feira de conhecimentos e as avaliações registradas em formulários online por professores e avaliadores externos. As respostas foram interpretadas a partir de categorias temáticas relacionadas à mediação pedagógica, protagonismo juvenil, escuta ativa e impacto social, permitindo compreender a Feira de Conhecimentos como uma ferramenta pedagógica e política. O referencial teórico se apoia em Libâneo (2004), Paro (2017) e Saviani (2008), que compreendem a escola como espaço de responsabilidade e construção coletiva do saber. Os resultados apontam que a aprendizagem se tornou mais significativa quando a escuta ativa, o protagonismo juvenil e o trabalho colaborativo foram vivenciados como parte de um processo de construção do conhecimento. A Feira de Conhecimentos reafirma, assim, a centralidade da gestão democrática na constituição de uma escola pública crítica, inclusiva e comprometida com a formação cidadã.

**Palavras-chave:** Gestão participativa, Aprendizagem significativa, Protagonismo estudantil.

## INTRODUÇÃO

Quando a escola reconhece em seus estudantes sujeitos capazes de transformar a si e a sua realidade, rompe com um modelo engessado de educação, ou seja, baseado no mero cumprimento de exigências que não favorecem a autonomia dos sujeitos ativos do espaço escolar. É nesse *lócus* de escuta atenta, criação constante e liberdade de produção, e não de mera reprodução, que o Liceu de Artes e Ofícios realiza uma de suas grandes atividades do ano letivo: a Feira de Conhecimentos. Trata-se de um projeto educacional que, anualmente, escolhe uma temática geradora e orienta todas as suas ações pedagógicas, constituindo-se, portanto, um convite à participação, ao diálogo e à intervenção. Temáticas como *Leitura e Literatura*, *O Nordeste é um universo em si*, *Direitos Humanos e Cidadania*, *A arte do bem viver* já foram explorados em edições anteriores. Em 2024, com o tema “TI, IA, Metaverso e o Raciocínio Lógico-Matemático”, a XV edição mobilizou toda a escola, do 6º ano ao 3º do ensino médio, em torno de ações e experiências formativas mediadas por tecnologias, criatividade, criticidade, trabalho colaborativo e muita produção de conhecimento.

Contudo, é necessário compreender que tais práticas não surgem por acaso, mas a partir de uma concepção de gestão escolar que não aceita a perpetuação de uma lógica burocrática e autoritária historicamente imposta às escolas públicas. Ao contrário, o Liceu investe em uma gestão que aposta no diálogo, na escuta ativa, na corresponsabilidade e no fortalecimento dos vínculos entre os sujeitos escolares, valores que, segundo Paro (2017), são basilares para a efetivação da gestão democrática como política pública. Ainda que esse modelo de gestão seja considerado utópico por alguns, trata-se de uma utopia concreta, possível de ser construída, especialmente quando for compreendida como um “possa vir a existir” (Paro 2017, p. 13).

A gestão democrática não se limita ao modelo administrativo da escola, mas deve concentrar seus maiores investimentos no campo peda-

gógico, que constitui o verdadeiro coração do fazer educativo, “não pode ficar restrita ao discurso da participação e às suas formas externas. Ela está a serviço dos objetivos do ensino, especialmente da qualidade cognitiva dos processos de ensino e aprendizagem” (Libâneo, 2013, p. 117). A experiência da XV Feira de Conhecimentos evidencia como a gestão, quando de fato é comprometida com um projeto pedagógico construído coletivamente e conectado à vida escolar, sem dúvidas, transforma o cotidiano da escola em um território de experiências significativas. A escuta ativa, o incentivo ao protagonismo estudantil, a valorização da cultura e a articulação com os desafios contemporâneos revelam um fazer educativo que vai muito além do currículo formal.

A gestão escolar, ou direção escolar, nesse contexto, deve ser compreendida como uma instância pedagógica e política, que media os sentidos da escola e articula seus diferentes sujeitos em torno de um projeto educativo coletivo. Quando a gestão se sustenta em práticas participativas, ela deixa de atuar apenas como administradora de rotinas para se tornar presença que abre caminhos no exercício da cidadania, no encontro com o outro e na construção de saberes que fazem sentido na vida real. Ou seja,

além de ser uma das funções do processo organizacional, é um imperativo social e pedagógico. O significado do termo direção, tratando-se da escola, difere de outros processos de direção, especialmente os empresariais. Ele vai além daquele de mobilização das pessoas para a realização eficaz das atividades, pois implica intencionalidade, definição de um rumo, uma tomada de posição frente a objetivos sociais e políticos da escola, numa sociedade concreta. A escola, ao cumprir sua função social de mediação, influi significativamente na formação da personalidade humana e, por essa razão, não é possível estruturá-la sem levar em consideração objetivos políticos e pedagógicos (Libâneo, 2013, p. 114).

Esse modelo exige tempo, escuta e disposição para lidar com os conflitos, próprios de todo processo democrático real.

Em tempos marcados por um modelo educacional engessado, em que decisões são tomadas por quem desconhece o chão da escola e em

que o esgotamento e a desvalorização da carreira docente se tornam rotina, construir experiências que devolvam sentido à escola como espaço de aprendizado, de reconhecimento e valorização de todos os sujeitos ativos no processo de aprendizado é mais que real, necessário e urgente. Essas particularidades, somadas à fragmentação do currículo escolar, à dificuldade de abrir espaços de escuta e a forma como tantos estudantes são invisibilizados, mostram que a escola precisa se reinventar.

Nesse sentido, a XV Feira de Conhecimentos, ao promover a articulação entre cultura digital, pesquisa científica, protagonismo juvenil e intervenção social, desafia os limites da escola tradicional e aponta para outros caminhos de ensinar e aprender. Mais do que um evento anual, é uma ação afirmativa de sujeitos que fazem a história acontecer, especialmente quando estudantes mostram que a ciência é construída a partir da realidade social, da experiência, e da vontade de transformar. Assim, a Feira se consolida como um projeto pedagógico que movimenta a escola inteira, num processo vivo de construção coletiva de conhecimento.

Além disso, a Feira se mostra como uma forma de avaliar, que não se prende à exigência da memorização dos conteúdos, mas sim à internalização do conhecimento, ou seja, o que verdadeiramente importa é o caminho trilhado, as escolhas epistemológicas, o envolvimento dos estudantes e os efeitos que tudo isso provoca dentro e fora da escola. Ao reconhecer que aprender é um processo complexo e que não cabe em moldes ultrapassados, a escola se reposiciona criticamente diante da própria sociedade. Em vez de seguir a lógica do controle e da comparação, aposta no diálogo entre teoria e prática, no gesto de escuta e na valorização do que se constrói com sentido. Nesse contexto, a gestão participativa deixa de ser discurso pronto e bonito e passa a ser uma maneira concreta de renovar, reinventar e ressignificar a escola pública como um espaço de qualidade e excelência acadêmica.

Coadunando com essa perspectiva, é importante destacar a contribuição de Saviani (2008), que compreende a escola como espaço de

mediação entre a cultura sistematizada e os sujeitos concretos da prática social.

Se a educação é mediação, isto significa que ela não se justifica por si mesma, mas tem sua razão de ser nos efeitos que se prolongam para além dela e que persistem mesmo após a cessação da ação pedagógica. Considerando-se, como já se explicitou, que, dado o caráter da educação como mediação no seio da prática social global, a relação pedagógica tem na prática social o seu ponto de partida e seu ponto de chegada, resulta inevitável concluir que o critério para se aferir o grau de democratização atingido no interior das escolas deve ser buscado na prática social (Saviani, 2008, p. 61).

É nesse movimento de deslocamento entre as experiências concretas dos sujeitos, a partir das realidades sociais, culturais, históricas e o conhecimento construído no espaço escolar que a Feira de Conhecimentos se afirma como prática viva, pois parte dessa concretude. Ao estimular a produção de conhecimento criativa e crítica, a escola promove a ruptura com a lógica bancária “caracterizada pela passividade, transmissão de conteúdos, memorização, verbalismo etc. e advoga-se uma pedagogia ativa, centrada na iniciativa dos alunos, no diálogo (relação dialógica), na troca de conhecimento” (Saviani, 2013, p. 54) de ensino e reconhece nos estudantes os autores do próprio processo de aprender. Essa experiência reafirma o princípio de que ninguém educa sozinho, educamo-nos todos, em perfeita comunhão, a partir de si, no encontro com o outro e mediados pelo mundo, como dizia Paulo Freire (2016).

Essa compreensão é também defendida por Paro (2017), ao situar a educação no campo dialógico, da escuta e do direito inegociável:

Por sua característica de relação humana, a educação só pode dar-se mediante o processo pedagógico, necessariamente dialógico, não dominador, que garanta a condição de sujeitos tanto do educador quanto do educando. Por sua imprescindibilidade para a realização histórico-humana, a educação deve ser direito de todos os indivíduos enquanto viabilizadora de sua condição de seres humanos. Isso tudo acarreta características especiais e importância sem limites à escola pública enquanto instância da divisão social do trabalho, incumbida da universalização do saber (Paro 2017, p.130)

É à luz dessa concepção de escola como diálogo, de compromisso com a educação e da construção de uma sociedade equânime que se insere esse trabalho, cujo objetivo é o de analisar a XV Feira de Conhecimentos como uma experiência de aprendizagem significativa, estruturada sob princípios de gestão escolar participativa, protagonismo estudantil e construção coletiva do conhecimento. Parte-se da hipótese de que, ao mobilizar toda a comunidade escolar em torno de um projeto comum, a Feira contribui para ressignificar os sentidos da escola pública como espaço de formação integral, crítica e transformadora. Trata-se, portanto, de refletir sobre a gestão não como estrutura, mas como prática viva, capaz de educar.

## METODOLOGIA

A presente pesquisa é de natureza qualitativa, de abordagem exploratória e interpretativa, centrada na análise de uma prática educativa concreta vivenciada no contexto escolar: a XV Feira de Conhecimentos do Liceu de Artes e Ofícios de Pernambuco. Partindo da compreensão de que a escola é um espaço de produção simbólica, cultural e política, optou-se por uma metodologia que privilegia os sentidos, as relações e os processos que envolvem os sujeitos escolares na construção coletiva do conhecimento.

A escolha por essa abordagem, a qualitativa, se justifica pela necessidade de compreender os significados atribuídos pelos sujeitos ao longo de todo o processo da Feira, desde o planejamento até sua culminância. Para Gil (2025), pesquisar qualitativamente é mergulhar no universo dos sentidos, das motivações e das representações sociais que permeiam o cotidiano escolar quando “ênfatisa a natureza socialmente construída da realidade, do relacionamento íntimo entre o pesquisador e o que é estudado” (Gil, 2025, p. 11).

Conforme destaca Minayo (2016), a pesquisa qualitativa busca compreender os significados das ações humanas e suas interações, inseridas em um contexto histórico e social. Ou seja,

ela trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. Esse conjunto de fenômenos humanos é entendido aqui como parte da realidade social, pois o ser humano se distingue não só por agir, mas por pensar sobre o que faz e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e partilhada com seus semelhantes (Minayo, 2016, p. 25).

Essa abordagem permite interpretar a Feira de Conhecimentos não como evento desconectado da construção sólida de conhecimento, como se fosse realizada apenas para cumprir uma tradição, já que acontece há anos, mas como uma prática educativa densa, atravessada por mediações simbólicas, políticas e pedagógicas. Com base nessa perspectiva, a análise interpretativa considera não apenas os resultados finais, mas os sentidos atribuídos pelos sujeitos ao longo de todo o percurso formativo.

O corpus da análise baseia-se em duas fontes documentais principais, o Regulamento Geral da XV Feira de Conhecimentos (2024), documento elaborado pela gestão escolar em parceria com a coordenação pedagógica e o corpo docente, e os formulários de avaliação preenchidos por professores orientadores e avaliadores externos, disponibilizados em plataforma digital logo após a culminância do evento. Esses registros foram organizados em categorias de análise previamente definidas, mediação pedagógica, escuta ativa, protagonismo estudantil, avaliação formativa e corresponsabilidade institucional.

A fim de ilustrar a diversidade dos temas desenvolvidos pelas turmas, apresentamos a seguir os subtemas trabalhados em 2024, definidos coletivamente com base na temática geradora da XV Feira de Conhecimentos: “TI, IA, Metaverso e o Raciocínio Lógico-Matemático”:

**Quadro 1** – Temáticas abordadas na Feira de Conhecimentos - 2024

Ensino Fundamental		Ensino Médio	
Séries	Temáticas abordadas	Séries	Temáticas abordadas
6 ano A	Afinal, o que é Inteligência Artificial?	1 ano A	Impacto da Inteligência Artificial nas relações de consumo
6 ano B	Inteligência artificial nos games	1 ano B	Os melhores aplicativos de Inteligência Artificial: ChatGPT, Jasper, Canva, Lensa Speak, Elsa, Socratic, Remini, FaceApp, etc.
6 ano C	Redes Sociais: droga? Uma nova	1 ano C	IA Literária: entre avanços e críticas; IA nos esportes
7 ano A	Internet, redes sociais e saúde mental; Internet, política e o perigo das fake News.	1 ano D	IA e mercados dos influencers digitais: uma ameaça?; Jogos digitais e IA: possibilidades
7 ano B	O desenvolvimento da Inteligência Artificial no Brasil	2 ano A	Inteligência Artificial nos games
7 ano C	Impactos da inteligência artificial na escola	2 ano B	Inteligência Artificial e Direitos Humanos
8 ano A	Afinal, quem algoritmo? é esse tal	2 ano C	Cinema, cultura POP e realidade virtual
8 ano B	Os melhores aplicativos de Inteligência Artificial: ChatGPT, Jasper, Canva, Lensa Speak, Elsa, Socratic, Remini, FaceApp, etc.	2 ano D	Os avanços tecnológicos nas Ciências Exatas
8 ano C	Segurança Digital	3 ano A	A Inteligência Artificial na indústria cinematográfica
		3 ano B	A Inteligência Artificial e o futuro da humanidade
		3 ano C	Medicina e Inteligência artificial
		3 ano D	Linguagem de programação e suas diversas aplicações

**Fonte:** Elaborado pelos autores a partir com base do Regulamento da XV Feira de Conhecimentos (2024).

Essa diversidade temática, construída de forma colaborativa entre estudantes, professores e coordenação pedagógica, permitiu que cada série encontrasse caminhos próprios de investigação e criação, de acordo com seus contextos e maturidades. Ao todo, participaram 21 turmas, do Ensino Fundamental ao Médio, cada uma organizada em quatro grupos de trabalho, ou seja, 72 grupos compostos, em média, por 10 a 12

estudantes, com exceção dos 6 anos, que atuaram em formato de apresentação cultural.

Esse número, por si só, demonstra a grandiosidade de um trabalho dessa natureza. Não se trata apenas de organizar um evento, mas de articular centenas de estudantes em torno de um projeto coletivo.

A metodologia da Feira foi organizada conforme três propostas pedagógicas diferentes, ou seja, de acordo com a etapa de ensino e a singularidade de cada série. No Ensino Fundamental, anos finais, as turmas do 6º ano protagonizaram apresentações artístico-culturais, que exploraram com sensibilidade e criatividade a oralidade, a performance, o resgate de memórias, por meio de contação de narrativas, dramatizações e experiências sensoriais.

Ainda no Ensino Fundamental, os estudantes do 7º e 8º anos elaboraram projetos de intervenção social, a partir da identificação de situações reais vivenciadas em seus contextos, em busca de uma solução para o problema encontrado. Toda a construção desses projetos foi registrada em Diários de Bordo e acompanhados periodicamente pelos professores orientadores. Mais do que resolver problemas sociais, o objetivo era entender o lugar da escola como território e propor ações concretas a partir da escuta e da observação do cotidiano. Como destaca Minayo (2016, p.19): “nada pode ser, em termos intelectuais, um problema, a menos que tenha sido, em primeiro lugar, um problema da vida prática”.

No Ensino Médio, a proposta metodológica ganhou maior densidade investigativa. As quatro turmas do 1º ano desenvolveram projetos voltados para a inovação tecnológica, com criação de protótipos ou simulações práticas que dialogavam com demandas reais da sociedade. Já os estudantes dos 2º e 3º anos se dedicaram à elaboração de projetos de iniciação científica, com base em uma fundamentação teórica consistente, definição metodológica clara e apresentação em banners, de acordo com as normas da ABNT.

Em todos os casos, o convite era o mesmo: transformar inquietações em pesquisa e a pesquisa em intervenção, sempre considerando a aplica-

bilidade social do que foi produzido, sua relevância para a comunidade e o potencial de gerar transformação. Em Minayo (2016, p. 19): “É a pesquisa que alimenta a atividade de ensino e a atualiza frente à realidade do mundo”, ou seja, nesse contexto, a pesquisa não é um fim em si mesma, mas um movimento que articula pensamento e ação, tornando-os indissociáveis.

Inspirada nos fundamentos da pedagogia freiriana, a metodologia da Feira de Conhecimentos foi construída com base no diálogo, entendido aqui como gesto de escuta, partilha e construção conjunta. Como dizia Paulo Freire (2016, p. 25), “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para a sua construção”, o que exigiu da escola um movimento de escuta ativa, capaz de reconhecer que todo estudante é sujeito da construção de conhecimento, fazedor de *epistemis*. As definições dos temas de cada turma já demonstram essa realidade, com a escolha sendo feita de forma horizontalizada entre os estudantes e os professores orientadores, com acompanhamento da coordenação pedagógica. A ideia era, portanto, garantir que os interesses e inquietações fossem também reconhecidos e valorizados no centro da experiência formativa, reafirmando que é necessário construir o conhecimento a partir da vida real, dos interesses e das perguntas que pedem respostas no presente.

A gestão escolar assumiu, nesse contexto, um papel de mediação institucional e formativa, criando as condições organizacionais, materiais e simbólicas para que a Feira se constituísse como uma prática efetivamente democrática. Acompanhando o percurso de cada turma, organizando oficinas interdisciplinares, incentivando o uso das tecnologias educacionais e promovendo espaços de escuta e devolutiva, a equipe gestora se posicionou como articuladora de processos e não apenas como fiscalizadora de resultados. Mais do que garantir a estrutura do evento, sua atuação expressou um compromisso pedagógico com a formação integral dos estudantes e com a construção coletiva de uma escola que é viva, aprende no cotidiano, escuta com atenção e se transforma junto com os sujeitos-atores.

Além disso, a metodologia dialoga com os pressupostos das Epistemologias do Sul, conforme proposto por Boaventura de Sousa Santos (2009), ao reconhecer que os saberes produzidos no cotidiano da escola, por estudantes, professores, técnicos e famílias, possuem legitimidade epistemológica e valor formativo. Como afirma o autor:

Toda a experiência social produz e reproduz conhecimento e, ao fazê-lo, pressupõe uma ou várias epistemologias. Epistemologia é toda a noção ou ideia, refletida ou não, sobre as condições do que conta como conhecimento válido. É por via do conhecimento válido que uma dada experiência social se torna intencional e inteligível. Não há, pois, conhecimento sem práticas e atores sociais (Santos, 2009, p. 9).

Ao permitir que os projetos dialogassem com realidades locais, com identidades culturais plurais e com desafios concretos de seus territórios, a gestão escolar rompeu com a lógica de colonização curricular e promoveu justiça cognitiva, como defende o autor.

Esse mesmo compromisso com a vida real e com os sujeitos que constroem a escola atravessou também a forma como se avaliou os trabalhos da Feira. A avaliação da Feira foi construída como processo contínuo e formativo. Os avaliadores externos, professores da educação básica e superior, egressos da escola e membros da comunidade, consideraram critérios previamente definidos, como domínio conceitual, coerência metodológica, criatividade, pertinência social da intervenção e participação do grupo. No entanto, para além das notas atribuídas, o foco esteve na devolutiva qualitativa oferecida aos estudantes, na escuta das bancas, nos registros do diário de bordo e no impacto gerado pelas ações realizadas.

A sistematização e análise dos dados obtidos nos documentos e formulários permitiram interpretar a Feira como prática de resistência pedagógica e institucional. Como já exposto ao longo do artigo, ela está longe de ser um evento protocolar, mas se construiu como um percurso atento à relação entre processo e sentido. Mesmo encerrando um ciclo em sua culminância, o que ela provoca vai além do evento, pois amplia

horizontes reafirmando a escola pública como espaço legítimo de formação crítica e transformação social.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após a realização da XV Feira de Conhecimentos do Liceu de Artes e Ofícios, professores orientadores e avaliadores externos registraram suas percepções por meio de formulários online elaborados pela gestão escolar. A leitura qualitativa desses registros revelou aspectos centrais para a compreensão do impacto formativo da Feira, especialmente no que se refere ao envolvimento dos estudantes, ao domínio dos conteúdos, à mediação pedagógica e à organização institucional do evento.

Dentre os comentários, destacaram-se observações recorrentes sobre a transição dos estudantes do lugar de receptores para o de produtores de conhecimento, a maturidade na abordagem dos temas, a postura durante as apresentações e a relevância social das intervenções propostas. Essas falas, agrupadas em categorias temáticas, demonstram que a Feira mobilizou processos pedagógicos que extrapolaram o currículo formal e valorizaram o protagonismo estudantil como eixo formativo.

A primeira categoria que emergiu das respostas foi o protagonismo estudantil. Professores e avaliadores ressaltaram que a experiência possibilitou aos alunos assumir a autoria de suas produções e construir soluções próprias. Comentários recorrentes como *“os estudantes deixaram de ser receptores e se tornaram produtores de conhecimento”* evidenciam que a gestão, ao promover escuta ativa e escolha coletiva de subtemas, potencializou a autonomia e a autoria dos grupos, em consonância com a perspectiva freiriana de educação libertadora. Essa percepção pode ser aprofundada a partir das falas extraídas dos formulários, conforme demonstrado no quadro a seguir:

### Quadro 2 - Protagonismo estudantil

Fala extraída	Quem comentou	Comentário
“A segurança dos estudantes nas apresentações me chamou atenção. Conseguiram apresentar com firmeza e domínio.”	Avaliador externo	Indica protagonismo e domínio do conteúdo.
“Os estudantes demonstraram conhecimento sobre o que estavam falando, superaram a ideia de decorar.”	Professor orientador	Destaca autoria e compreensão real do conteúdo.
“Houve entrega e envolvimento dos estudantes, o que revela o compromisso deles com o projeto.”	Avaliador externo	Reflete responsabilidade e senso de pertencimento.
“O trabalho foi feito com clareza e autonomia por parte dos alunos.”	Avaliador externo	A palavra “autonomia” aparece de forma explícita.
“Fiquei impressionada com a capacidade crítica dos estudantes na abordagem do tema.”	Avaliador externo	Demonstra autoria intelectual e capacidade de análise.
“Estavam muito à vontade, sabiam explicar e responder às perguntas com firmeza.”	Avaliador externo	Mostra segurança e protagonismo nas falas.

**Fonte:** Elaborado pelo autor, com base no formulário de avaliação dos docentes e avaliadores externos (2024).

A segunda categoria identificada nas respostas foi a mediação docente, apontada como elemento essencial para a qualidade das produções desenvolvidas pelos estudantes. O papel do professor orientador ultrapassou o repasse dos conteúdos, sendo reconhecido como presença constante, capaz de direcionar, ouvir, provocar reflexões, acompanhar o percurso e orientar pedagogicamente cada etapa do processo. A maioria dos registros indica que essa mediação continua foi responsável por manter o engajamento das turmas, além de favorecer uma relação de respeito entre os envolvidos. Comentários como “*o acompanhamento semanal e as devolutivas constantes evidenciaram o envolvimento das equipes e a profundidade das leituras feitas pelos estudantes*” mostram que a orientação docente não se limitou ao momento de apresentação final, mas esteve presente em o todo o caminho, do planejamento inicial até à culminância.

Nesse sentido, o professor assume a função de articulador entre a realidade dos estudantes e os conhecimentos sistematizados, um papel que,

de acordo com Libâneo (2013, p.156) é central no fazer pedagógico: “ajudar o aluno a transformar-se num sujeito pensante, de modo que aprenda a utilizar seu potencial de pensamento pelos meios cognitivos de construção e reconstrução de conceitos, habilidades, atitudes, valores”. Abaixo, apresentamos alguns registros que ilustram essa categoria:

**Quadro 3** – Papel do professor

Fala extraída	Quem comentou	Comentário
“A atuação do professor orientador foi fundamental para o sucesso dos trabalhos apresentados.”	Professor Orientador	Reconhece a mediação pedagógica como elemento chave para a qualidade dos projetos desenvolvidos.
“A organização e o planejamento dos professores foram essenciais para a consistência metodológica.”	Avaliador Externo	Sinaliza a importância da mediação docente desde o início até a culminância da Feira.
“O professor foi mais um parceiro do que um supervisor.”	Professor Orientador	Ressalta a postura dialógica e colaborativa na condução dos projetos.
“A escuta e orientação dos professores ampliaram as possibilidades criativas dos estudantes.”	Avaliador Externo	Evidencia que a escuta ativa e a mediação docente favoreceram a autoria e o protagonismo juvenil.

**Fonte:** Elaborado pelo autor, com base no formulário de avaliação dos docentes e avaliadores externos (2024).

Essas percepções revelam que a mediação docente não se dá por acaso: ela exige tempo, escuta, formação e compromisso com a aprendizagem como processo. Trata-se de uma atuação que reforça o caráter coletivo da construção do conhecimento e reafirma o papel do professor como sujeito implicado no processo educativo.

A terceira categoria identificada nas avaliações foi o impacto social das intervenções desenvolvidas pelos estudantes. Professores e avaliadores destacaram que os projetos apresentados não se limitaram ao ambiente escolar, mas dialogaram diretamente com os contextos sociais, econômicos e culturais em que estão inseridos. Isso significa que os saberes construídos durante a Feira ultrapassam os muros da escola e se afirmaram como formas de leitura crítica da realidade e de proposição de mudanças.

Expressões como “as intervenções sugeridas e realizadas demonstraram relevância social concreta” indicam que os estudantes foram capazes de transformar inquietações em ações, promovendo o encontro entre o conhecimento científico, as vivências cotidianas e as demandas reais das comunidades. Esse movimento evidencia que a pesquisa escolar, quando bem orientada, pode ser uma excelente ferramenta de intervenção social.

Ao promover esse tipo de prática, a Feira dialoga com a concepção de Saviani (2008, p. 167), segundo a qual “sabemos que é na escola que se criam os espaços de diálogo e comunicação entre grupos sociais diversos, o que pode ser perfeitamente contemplado no projeto pedagógico curricular da escola”. Essa perspectiva compreende a escola como espaço de mediação entre a cultura sistematizada e a prática social, reafirmando a ideia de que o conhecimento escolar só ganha sentido quando se articula com o mundo vivido. Abaixo, alguns exemplos extraídos dos formulários que ilustram essa dimensão:

**Quadro 4 – Impacto social**

Fala extraída	Quem comentou	Comentário
“...as apresentações abordaram temas sensíveis e urgentes, como racismo, violência doméstica e inclusão.”	Avaliador externo	Indica que os projetos dialogaram com questões sociais reais e relevantes, com potencial transformador.
“Os estudantes demonstraram consciência social e apresentaram propostas viáveis para problemas do cotidiano.”	Professor orientador	A resposta reconhece o vínculo entre os projetos e a realidade comunitária.
“A Feira foi um espaço de reflexão crítica sobre problemas do território e possibilitou a construção de alternativas pelos próprios estudantes.”	Avaliador externo	Expressa claramente o impacto social da Feira como um processo de escuta e resposta aos desafios locais.

**Fonte:** Elaborado pelo autor, com base no formulário de avaliação dos docentes e avaliadores externos (2024).

A quarta e última categoria identificada foi a valorização dos percursos formativos. Mais do que os resultados finais, as respostas ressaltaram a importância do processo vivido ao longo do ano letivo. Comentários como

“o nível de maturidade apresentado é fruto de um longo processo de estudos e dedicação” revelam que a escola não estava interessada apenas na culminância do projeto, mas na caminhada trilhada por cada grupo de estudantes. E a gestão escolar, nesse cenário, atuou como parceira na consolidação de uma proposta que reconhece o tempo da aprendizagem, bem como o amadurecimento progressivo das ideias.

Essa perspectiva dialoga com a concepção de Minayo (2016), quando afirma que a compreensão de fenômenos educativos requer atenção ao contexto em que emergem e às trajetórias dos sujeitos ativos do seu próprio processo. Ou seja, a aprendizagem é vista, como demonstram as percepções abaixo, como algo que se constrói no dia a dia, nas interações estabelecidas e no desejo de querer fazer acontecer.

**Quadro 5** – Valorização dos Percursos Formativos

Fala extraída	Quem comentou	Comentário
“O nível de maturidade apresentado é fruto de um longo processo de estudos e dedicação.”	Avaliador externo	Aponta para o reconhecimento do percurso formativo como elemento central da aprendizagem.
“A evolução dos estudantes durante o ano foi perceptível em suas apresentações.”	Professor orientador	Evidencia que o foco da avaliação foi o desenvolvimento ao longo do tempo, não apenas o produto final.
“O processo de orientação foi essencial para os resultados alcançados, pois permitiu acompanhar as dificuldades e avanços.”	Professor orientador	Valoriza o acompanhamento constante como parte do processo formativo.

**Fonte:** Elaborado pelo autor, com base no formulário de avaliação dos docentes e avaliadores externos (2024).

Esses registros reforçam que o caminho trilhado pelos estudantes foi mais significativo que propriamente a linha de chegada. A ênfase no processo formativo ressignifica o papel da escola que, normalmente, pressionada por exigências externas, a escola tende a se preocupar excessivamente com o resultado final. A experiência da Feira, no entanto,

demonstra que os aprendizados adquiridos e transformados mostram qual é o verdadeiro papel da escola.

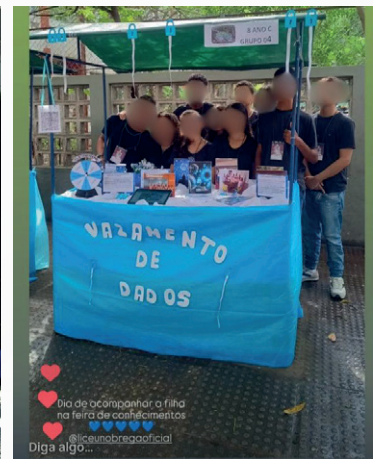
A seguir, é possível observar como cada uma das quatro categorias discutidas anteriormente se materializa na prática pedagógica, de acordo com cada segmento escolar.

No Ensino Fundamental, os estudantes do 6º ano apresentaram trabalhos culturais e artísticos centrados na oralidade e na expressão criativa, por meio de contação de histórias, paródias, peças teatrais e exposições sensoriais. Já os estudantes dos anos finais deste segmento elaboraram projetos de intervenção escolar e social, focados em temas como empatia, acolhimento, inclusão, sustentabilidade e escuta ativa, a partir de diagnósticos realizados em seus contextos escolares e comunitários. Tais experiências possibilitaram o desenvolvimento de um senso ampliado de cidadania e corresponsabilidade.

**Fig. 1** - Apresentações do Fundamental



Apresentação cultural – 6º anos



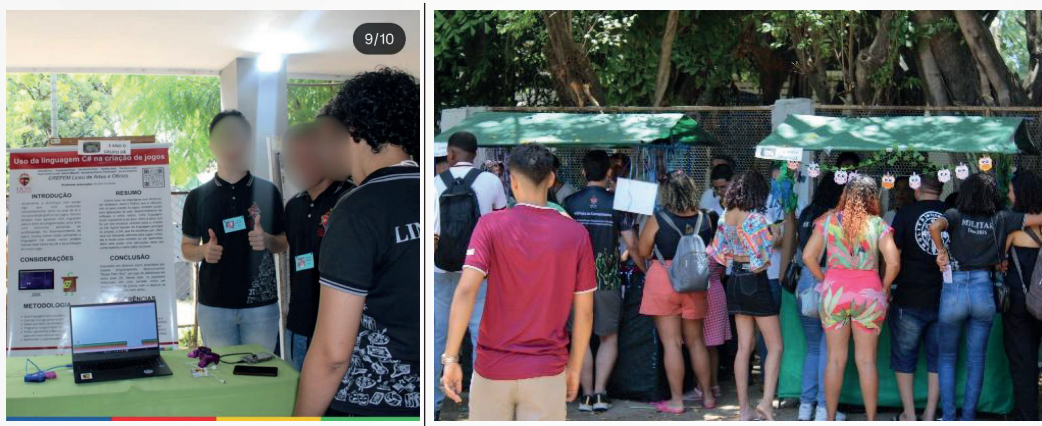
Exposição – 8º anos

**Fonte:** Instagram do Liceu de Artes e Ofícios - @liceunobregaoficial

Já no Ensino Médio, os desafios se ampliaram, exigindo dos estudantes maior densidade teórica e aplicabilidade própria. Destacou-se a elaboração de protótipos, pesquisas científicas e projetos com impacto direto no território. Os estudantes do 1º ano construíram soluções tecnológicas,

como aplicativos voltados à acessibilidade e dispositivos automatizados. Os estudantes do 2º e 3º anos desenvolveram pesquisas acadêmicas com fundamentação teórica, definição metodológica e aplicação prática, explorando temáticas como inteligência artificial, educação midiática e violência simbólica.

**Fig. 2** – Apresentações do Médio



Produção científica – 3º anos

Exposição Ensino Médio

**Fonte:** Instagram do Liceu de Artes e Ofícios - @liceunobregaoficial

Em ambos os segmentos, a mediação docente foi fundamental nesse processo, assegurando coerência metodológica sem tolher a criatividade ou a autonomia dos grupos. Conforme nos ensina Paulo Freire (2016), ensinar é criar possibilidades para a construção do saber, e foi essa perspectiva que orientou a ação pedagógica dos orientadores da Feira.

Além dos estudantes e docentes, a participação da comunidade escolar ampliou os efeitos formativos do projeto. A presença de familiares, ex-alunos e representantes de instituições parceiras como avaliadores das bancas evidenciou o caráter público e coletivo da educação. A avaliação, por sua vez, não se limitou às notas, mas incluiu devolutivas qualitativas, escuta respeitosa e reconhecimento dos processos de pesquisa e intervenção. Esse modelo avaliativo ressoa com a concepção de Minayo (2016), segundo a qual o conhecimento se produz na relação entre sujeitos e seus

contextos, sendo essencial considerar a trajetória e a complexidade das experiências analisadas.

De modo geral, a Feira reafirmou o papel da gestão democrática como sustentação de práticas formativas transformadoras. A escuta ativa, a clareza nas orientações, o incentivo à construção coletiva e a valorização das práticas educativas significativas demonstraram que a gestão escolar pode, e deve, ser instância pedagógica e política. A XV Feira de Conhecimentos reafirma, assim, a potência da escola pública como espaço de construção de saberes, de produção cultural e de transformação social.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A XV Feira de Conhecimentos do Liceu de Artes e Ofícios reafirma o compromisso da escola pública com uma educação que não se limita à reprodução de conteúdos, mas que se constrói na escuta, na autoria e na articulação entre os sujeitos escolares e os desafios do tempo presente. Ao envolver todos os segmentos da escola em torno de um projeto comum, a Feira consolidou-se como prática pedagógica e política, marcada pela corresponsabilidade, pelo protagonismo estudantil e pela mediação docente. Os dados analisados demonstram que a gestão escolar, ao assumir intencionalmente uma postura participativa, foi capaz de criar condições para o florescimento de processos formativos complexos, nos quais os estudantes não apenas demonstraram domínio conceitual, mas também capacidade de intervir em suas realidades com criatividade, criticidade e ética. A proposta da Feira integrou a pesquisa, a arte, a tecnologia, o cuidado e a intervenção social, promovendo um ambiente educacional rico em aprendizagens e afetos.

Ao longo do percurso investigativo, evidenciou-se que a gestão escolar participativa não se restringe à dimensão técnica, mas constitui-se como prática formadora, que organiza os tempos, os espaços e as relações escolares em favor da construção coletiva do conhecimento. A Feira não foi apenas um evento de culminância, mas expressão de um projeto

pedagógico que valoriza o processo, a escuta, a diversidade e o vínculo com a comunidade.

Retomando os objetivos propostos, é possível afirmar que a experiência analisada revelou a centralidade da gestão escolar na promoção de aprendizagens significativas, no fortalecimento do vínculo escola-comunidade e na valorização dos estudantes como sujeitos históricos. Os resultados apontam para a necessidade de políticas públicas que reconheçam, incentivem e multipliquem experiências que integram currículo, território e participação.

Por fim, compreende-se que uma escola que se permite transformar e ser transformada por seus estudantes é aquela que assume a gestão como ato pedagógico e político. A XV Feira de Conhecimentos, nesse sentido, é mais do que um projeto exitoso: é uma prática viva de resistência, criação e esperança, como desejava Freire (2016), uma pedagogia que, enraizada na realidade, aponta para a reinvenção constante da escola pública de liberdade e reinvenção do humano.

## REFERÊNCIAS

- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.
- GIL, Antônio Carlos. **Pesquisa qualitativa básica**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2025.
- LICEU DE ARTES E OFÍCIOS. **Regulamento da XV Feira de Conhecimentos** – 2024. Recife: Liceu, 2024.
- LIBÂNEO, J. C. **Organização e gestão da escola**: teoria e prática. 5 ed. Goiânia: Alternativa, 2013.
- PARO, V. H. **Gestão democrática da escola pública**. 4 ed. São Paulo: Ática, 2017. SAVIANI, Demerval. **Escola e democracia**. Campinas, SP: Autores Associados, 2008.
- MINAYO, M. C. S.; DESLANDES, S. F; GOMES, R. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.